

29-04-2024

O que o tempo tem? Fluidez, vertigem e a razão imposta pelo capital

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, já dizia Caetano Veloso. Ah, o tempo! A cada dia que passa fico mais surpreso com as reviravoltas históricas e com o impacto de tudo isso em nossas vidas. Acredito que nem mesmo Albert Einstein, nos idos de 1915, imaginou que sua teoria geral da relatividade se tornaria tão presente no dia a dia das pessoas um século depois. Quando Einstein formulou sua teoria a intenção era tratar da relatividade do tempo com relação ao movimento dos corpos (matéria) no espaço. Todavia, a relatividade do tempo se mostrou presente de diferentes formas após sua elaboração teórica. Hoje, com as temporalidades diversas dadas pelos ritmos de vida dos diferentes lugares pelo mundo, o tempo tem a relatividade como elemento chave de seu funcionamento. Das aldeias comunais do Vale de Limpopo, em Moçambique, ao fluxo constante das vias rápidas que cortam São Paulo; do tempo lento dos povos Inuítes da Groelândia ou das tribos Ianomani na Amazônia, ao tempo frenético de uma Tóquio ou de uma Nova Iorque. E nem vamos entrar na velocidade do mundo virtual (cyberespaço), no qual distâncias são reduzidas a um clique e tudo é instantaneidade. No entanto, não vamos tratar aqui da teoria de Einstein. Vamos apenas tomá-la emprestado para, metaforicamente, falar de uma certa esquizofrenia do movimento da história, por meio do qual, por vezes, o tempo para, retroage, avança, acelera, freia, ou seja, se relativiza sob diferentes aspectos e se desdobra em múltiplas dimensões. Me refiro aqui aos movimentos da história – lembrando que o conceito de história que uso aqui é o de acúmulo de tempos e de fatos, fenômenos e acontecimentos socioculturais, com o perdão dos historiadores por tamanha simplificação – que refletem o tensionamento entre o progressismo e o conservadorismo com pitadas de reacionarismo. Esse movimento nos coloca, muitas vezes, em situações que se assemelham a um *loop temporal*, tão comum à cultura pop. O que vivemos no passado parece nos alcançar e o presente por emular esse passado parece não nos tirar das hachuras do ontem. Usarei o exemplo do ano de 2018, no pleito eleitoral vencido pelo inominável que parte considerável da população insistia em chamar de mito. A mitologia aqui, na verdade, se encontrava nas narrativas resgatadas do período do regime militar quanto a uma suposta ameaça comunista, o que justificou no passado uma escalada fascista e o Golpe Militar de 1964 e que fora recolocada em plena segunda década do século XXI, dando margem à vitória da extrema direita brasileira. Esse movimento que se dizia liberal na economia e conservador nos costumes, nada mais era que uma reprodução repaginada do que ocorreu na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini e no Brasil dos Militares. A escalada fascista nos deixou confusos quanto ao tempo em que realmente vivíamos. De maneira quase esquizofrênica, 2018 era muito 1964.

Mas isso nem Einstein poderia explicar.

O uso das redes sociais e do poder dado pela comunicação instantânea, que nos capturou e aprisionou em bolhas segundo as pautas, gostos, interesses e discursos ideológicos, facilitou o trabalho dos profascistas e demais alienados que avolumavam sua plateia. Para isso não preciso de grandes teorias das ciências oitocentistas. Os ditos conservadores/liberais - seja lá o que possa significar essa aberração política e ideológica -, em um movimento reacionário às conquistas de direitos sociais e pautas identitárias da segunda metade do século XX e início deste século, levantavam velhas bandeiras como: *pátria, família e liberdade*, ou o *Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*. Radicalizaram seus discursos e se colocaram como elegíveis dentro do jogo democrático. Todavia, o que quero saber quando me pergunto sobre o que o tempo tem? Acho que só quero refletir um pouco sobre como essa formatação do movimento da história tem nos causado vertigem. Às vezes seu funcionamento aparenta ser patológico, fruto de algum transtorno que afeta nossa percepção. Nossa capacidade de olhar para frente levando em conta os erros do passado - considerando o quanto é possível realmente fazer esse movimento - parece estar cada vez mais confusa. Nos EUA o candidato Donald Trump recupera força, trazendo de volta à 2017. Na Ásia temos uma declaração de guerra e a eleição de um líder autoritário, que se coloca na condição de super herói que resgatará a dignidade de um povo a partir da recuperação de sua força do passado, o que lembra muito o final da década de 1930, que precedeu a II Guerra Mundial. Além disso, a Guerra Fria retorna triunfante, com ameaças de ações militares no espaço, nos apresentando necessariamente ao conceito de astropolítica.

O que tem o tempo? Ou o que o tempo tem? São perguntas difíceis de se responder. Suspeito que algum tipo de esquizofrenia. Mas por não ser um especialista da área, pedirei ajuda aos artistas, que poeticamente cantam o tempo e sobre como o utilizamos. *Tempo, tempo, tempo, tempo*. Se isso não funcionar, tentarei a ajuda de Carlo Roveli, que escreve sobre o que é o tempo, estudando-o a partir da configuração da física moderna e o impacto recebido por essa ideia do que seja o tempo pela gravidade quântica, além da proposição de uma nova significação. Para Roveli “*o mistério do tempo diz respeito mais ao que somos do que ao cosmos*”, ou seja, mais sobre como fluem nossas existências do que sobre o funcionamento estrutural - explicado pelos modelos físico-matemáticos e pelas leis gerais e teorias da física e demais ciências que a circundam - do universo. Num último gracejo, responderei a um mistério maior. O tempo perguntou p’ro tempo, quanto tempo o tempo tem. Com o atrevimento da posição de quem escreve permite, respondo: Não há mais tempo algum. Vivemos sob condições de expropriação da vida, nas quais comer, dormir, falar, ouvir, ver, descansar, tomar uma no boteco, transar com a namorada, cagar... enfim, qualquer ação cotidiana ou gesto fisiológico do ser humano; absolutamente tudo tem um valor ou um custo. Na verdade, preciso me corrigir. Há sim tempo, pois tempo é vida, é existência. Mas hoje o tempo, mais do que nunca, pertence exclusivamente ao capital e obedece à lógica capitalista neoliberal.

Como diria Eugênio Bucci (“A superindústria do imaginário”):

“O tempo, no nosso tempo, é outro tempo.” ■ ■ ■

Referências: Bucci E. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. // Roveli C. *A ordem do tempo*. Milão: Adelphi Edizioni SPA, 2017. // *Oração ao tempo*. Caetano Veloso.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.